AMPLIA

Nova Economia

ateha escola

Por **Julia Maggion**
Agosto 2022

Nova Economia:

DESAFIOS DE UM MODELO EM DESENVOLVIMENTO

É hora de transformarmos os negócios
em negócios que transformam.
Que adicionam valor.
Que regeneram.

Esse curso trata de uma nova perspectiva para os negócios, um novo papel, que surge das necessidades e demandas atuais. As empresas são a segunda forma mais importante de organização social da atualidade, depois das famílias. E por isso, elas têm uma enorme responsabilidade sobre a forma como atuam nesta sociedade. Não estamos falando de ter ou não ter lucro. O lucro é libertador, e para empresas ele é fundamental para que possam cumprir com o seu propósito. A questão é como chegam ao lucro. Um caminho que envolve muitas decisões e escolhas. E é por isso que mais do que nunca precisamos mudar a ideia de que os negócios existem apenas para dar lucro. E migrar para uma Nova Economia, na qual negócios, que são o seu motor, existem para transformar a sociedade, gerar valor compartilhado e regenerar o planeta.

A M P L I A

Índice

01 CONTEXTO E RELEVÂNCIA

02 CONCEITOS CHAVE

03 TRANSIÇÃO NOS NEGÓCIOS

04 REGENERAÇÃO

05 NEGÓCIOS REGENERATIVOS

Nova Economia: desafios de um modelo em desenvolvimento

Contexto e Relevância

UM POUCO DE HISTÓRIA

Nós nunca podemos esquecer como chegamos até aqui. E é por isso que é importante dedicarmos um pouco do nosso tempo com a história.

Não podemos esquecer que somos uma sociedade em processo de evolução, de desenvolvimento. Embora haja muitas falhas nesse processo, e talvez não estejamos evoluindo na velocidade necessária, em geral estamos evoluindo. E mais do que nunca temos que evoluir para sobreviver.

SÉCULO XVIII
1ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Em 1700 foi inventada a primeira máquina a vapor, assim como os primeiros motores capazes de mover coisas. Junto com isso, ganhamos uma obsessão por máquinas e motores, e foi nessa época que a lógica mecanicista do mundo se disseminou, apoiada na visão *cartesiana-newtoniana*. A certeza cartesiana é matemática, então uma divisão é criada entre matéria, mente e espírito, homem e natureza.

SÉCULO XVIII e XIX
2ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Em meados do século XIX assistimos ao surgimento da produção em massa de bens de consumo, do aperfeiçoamento das tecnologias e da revolução na conversão de energia, com petróleo e eletricidade. Junto com tudo isso, vimos a ascensão do capitalismo como modelo econômico vigente.

As organizações que usavam máquinas tornaram-se cada vez mais parecidas com elas, e assim pudemos assistir à mecanização das organizações humanas.

O principal impulso da teoria da administração desde então tem sido alcançar operações eficientes por meio do controle de cima para baixo (*top down*).

A ideia central tem sido basicamente colocar as pessoas em caixas, apoiadas por metas, para atingir resultados financeiros.

O Paradigma Cartesiano ou Newtoniano, caracteriza-se por uma visão mecanicista e materialista do conhecimento e da vida. Diz que para conhecer o todo é necessário dividi-lo em várias partes e estudar cada uma dessas partes individualmente. Esse paradigma criado por René Descartes e Isaac Newton, foi muito importante para época e para as máquinas, tendo uma concepção linear e mecanicista do universo com uma ideia lógica e racionalista que nega o sagrado e a subjetividade. (dunapress.org)

Mas movimentos opostos também começam a surgir...

Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, esclarecimento e razão, o início do século XIX seria marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo eu.

Emerge o 1º movimento de oposição ao paradigma mecanicista e cartesiano: o Romantismo na arte, filosofia, e literatura - a perspectiva de mundo de Goethe contrária ao racionalismo

Como escritor, Goethe foi uma das figuras mais importantes da literatura alemã e do romantismo europeu, que passa a designar toda uma visão de mundo **centrada no indivíduo**.

1920

Em 1920 aprendemos um conceito fundamental para a origem de uma nova visão de mundo, uma nova história sobre a nossa interação como ser vivo com o nosso meio.
Foi só em 1920, ou seja, há cem anos, que descobrimos o que são as cadeias alimentares e as teias alimentares. Sabe as cadeias alimentares que aprendemos nas aulas de ciências do ensino fundamental? Que aprendemos na escola? Esse conceito desenvolvido pela ecologia, linha de estudos que surge da biologia nessa época, apresenta pela primeira vez em nossa história a noção de Ecossistema! A noção de que um indivíduo depende de outro para sua sobrevivência, assim como acontece numa **cadeia alimentar.**

1940
3ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a ascensão dos Estados Unidos como grande potência econômica, a década de 1940 foi marcada pela terceira revolução industrial.

A terceira revolução industrial ocorreu em meados do século XX, a partir da década de 40. Nesse momento, diversos campos do conhecimento sofreram mudanças em consequência do avanço tecnológico vivido nesse período e jamais visto anteriormente.

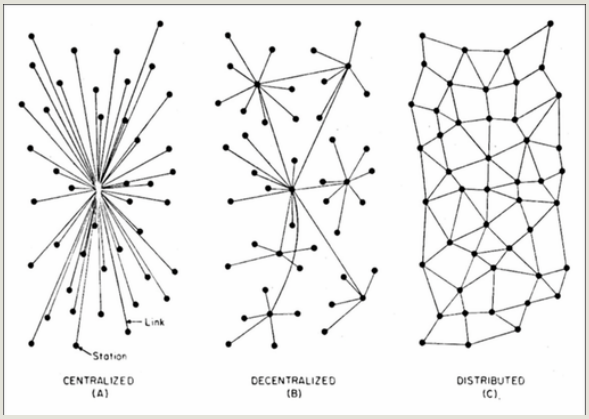
As indústrias que desenvolveram alta tecnologia começaram a se sobressair em relação às indústrias mais convencionais, como a metalurgia, siderurgia e a indústria de automóveis.

Assumiram posição de destaque a robótica, genética, informática, telecomunicações, eletrônica, entre outros.

O uso dessas novas tecnologias e fontes de energia, a massificação de produtos tecnológicos, a globalização e o aumento da consciência ambiental (mais relevante na década de 1990) são os principais marcos desse período.

Além disso, começamos a ver uma pequena mudança nos padrões hierárquicos.

Em 1964 Paul Baran apresenta as estruturas de **redes descentralizadas** que avançam para a noção de redes distribuídas. Pela primeira vez, os padrões hierárquicos verticais e centralizados da visão mecanicista nas organizações são desafiados por uma alternativa que traz mais resiliência ao sistema: a descentralização. As redes distribuídas promovem movimentos de desmantelamento de comando e controle, gerando uma **abundância** de caminhos.



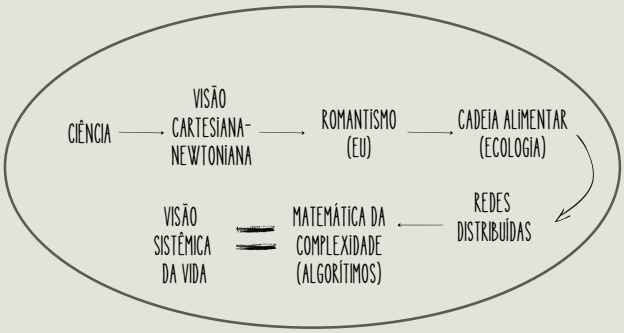
E assim, ganhamos condições para compreender o funcionamento das redes distribuídas. E finalmente entender que a teia da vida consiste em redes dentro de redes que formam esse grande sistema vivo que é o nosso planeta.

1970 - 1990

Foi somente nesse período, com o surgimento da matemática da complexidade, dentro do campo da cibernética, associados aos avanços da tecnologia, que finalmente pudemos conceber uma visão sistêmica da vida.

Surge então uma nova forma de pensar, um pensamento que se processa a partir de termos como "conexões", "relações", "padrões" e "contexto", tão comuns hoje em dia.

De acordo com a **visão sistêmica**, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, propriedades que nenhuma das partes possui. Eles surgem das relações e interações entre as partes. Embora possamos identificar partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes. Uma relação holística.
E isso tudo é muito recente!



Paul Baran foi considerado um dos atores principais da criação da internet, teve a ideia em 1964 de criar uma rede com a forma de uma grande teia. Paul Baran tinha a tarefa de resolver um problema: durante a guerra fria era necessário manter uma comunicação totalmente distribuída, isso serviria para em caso de ataque inimigo dificultar a sua desativação. Baran tinha percebido que um sistema de rede centralizado era vulnerável – Caso o núcleo principal fosse destruído todas as ligações seriam destruídas. (movingmarket.com.br)

É nesse período que a noção de **sustentabilidade** surge no mundo. Começamos então a olhar para o desafio de construir e nutrir comunidades sustentáveis que sejam ambientes sociais, culturais e físicos nos quais as pessoas podem satisfazer suas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras.

O que realmente significa sustentabilidade?

O que se sustenta em uma comunidade sustentável não é crescimento econômico, nem desenvolvimento, nem vantagem competitiva... O que se sustenta é a teia da vida da qual depende nossa sobrevivência a longo prazo.

2000 - 2020

Atualmente, no que podemos chamar de quarta revolução industrial, estamos vendo e vivendo a convergência das tecnologias digitais, físicas e biológicas, a evolução da engenharia genética e das neurotecnologias, robôs integrados a sistemas ciberfísicos, as ascensão da biotecnologia e junto com tudo isso o enorme desafio do desemprego causado por essas tecnologias.

Nosso grande desafio agora é viver a transição para novos sistemas que serão construídos na infraestrutura dessa revolução digital. E mais do que tudo definir os princípios e valores que moldarão os relacionamentos nesses sistemas.

Nova Economia: desafios de um modelo em desenvolvimento

Conceitos Chave

VISÃO SISTÊMICA

Um dos insights mais importantes da nova compreensão da vida, a partir da visão sistêmica, é o reconhecimento de que as redes são o padrão básico de organização da vida.

O principal desafio do nosso novo século para cientistas sociais, cientistas naturais e todos os outros será construir comunidades ecológicas e sustentáveis. E elas precisam ser projetadas de tal forma que as tecnologias e instituições sociais (suas estruturas materiais e sociais) não interfiram com a capacidade da natureza de sustentar a vida.

E nós, como empreendedores ou futuros empreendedores, líderes e gestores de organizações temos a grande responsabilidade de orientar nossa forma particular de pensar, sentir, agir e reagir para um caminho que sustente a vida, seja a favor e não contra ela.

Nossa intenção aqui é trazer a vocês uma nova visão sobre as organizações. Mas pergunto... Será que nossa visão de mundo atual limita a forma como pensamos as organizações?

Podemos inventar uma maneira mais criativa e poderosa de trabalhar juntos se apenas mudarmos nosso sistema de crenças? DEVEMOS TENTAR!

Sem dúvida, as organizações modernas trouxeram um progresso incrível para a humanidade e nenhum dos avanços recentes na história humana teria sido possível sem as organizações como veículos para a colaboração humana. No entanto, muitas pessoas sentem que a forma atual de administrar as empresas está no limite.

E não é apenas na base da pirâmide que o trabalho costuma ser pesado e terrível, sem paixão e propósito. A vida de um poderoso líder corporativo também pode ser um sofrimento silencioso.

Nossas organizações contribuem, em grande escala, para esgotar os recursos naturais, destruir ecossistemas, modificar o clima, esgotar reservas de água e solos preciosos.

A sobrevivência da raça humana depende de nossa capacidade de avançar para formas superiores de consciência e, a partir daí, colaborar em novas formas de regenerar nossa relação com o planeta e os danos que causamos.

> *A prática do pensamento sistêmico é a prática de pensar o mundo sob o conceito de sistema.*
> **Checkland, 1981**

Precisamos acessar um novo estágio de consciência, uma nova visão de mundo, uma **visão sistêmica da vida**, para reinventar as organizações humanas.

A prática de observar um conjunto de participantes, seus relacionamentos e defini-los como um "sistema" nos faz pensar sobre perguntas mais profundas em relação as estruturas e comportamentos que influenciam esses relacionamentos.

E é sobre essas estruturas e comportamentos que precisamos refletir. O nosso padrão de comportamento atual é sustentável no curto, médio e longo prazos? As estruturas que criamos atendem as nossas necessidades atuais e futuras de mundo?

EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Um grande número de estudiosos dissecou a jornada da consciência humana e descobriu que ao longo de 100.000 anos de história humana, passamos por uma série de estágios sucessivos. A cada etapa demos um salto em nossas habilidades - cognitivas, morais e psicológicas - para lidar com o mundo. **E sempre que a humanidade passou para um novo estágio, inventou uma nova forma de colaboração, um novo modelo organizacional.**

Estamos apenas começando a entrar no próximo estágio do desenvolvimento da consciência humana, e que privilégio fazer parte disso! Essa nova maneira envolve domar nosso ego e buscar maneiras de sermos mais autênticos e saudáveis.

E a chave para essa perspectiva não vem do campo da história organizacional, mas do campo da história humana e da psicologia do desenvolvimento. Ao longo da história, os tipos de organizações que inventamos foram associados à visão de mundo e à consciência predominantes da época.

Muitos pesquisadores analisaram questões da consciência humana de todos os ângulos possíveis nos últimos anos. E em suas investigações descobriram que a humanidade evolui em etapas.

Ken Wilber é um desses pensadores que fez um trabalho fantástico ao comparar e contrastar os principais modelos, encontrando fortes convergências. **Cada transição para um novo estágio de consciência deu início a uma nova era da história humana**. A cada conjuntura, tudo mudava: a sociedade, a economia, as estruturas de poder e o papel da religião. E para cada novo estágio da consciência humana que surge, nasce também uma nova capacidade de colaboração, trazendo consigo um novo modelo organizacional.

A Teoria Integral de Ken Wilber analisa cada um desses estágios de desenvolvimento da consciência e se refere a esses estágios com uma cor.

Não vamos aprofundar a Teoria Integral e cada um dos estágios de desenvolvimento da consciência pois esse estudo demandaria um curso por si só, mas o que queremos apresentar

é a noção de evolução da consciência pela qual passamos, seja no nível individual - como avançamos ao longo de nossas vidas, ou no nível coletivo - como a humanidade se desenvolveu ao longo da história.

Essa espiral de desenvolvimento nos ajuda a entender por que estamos onde estamos e onde devemos e podemos avançar.

Partimos do nível arcaico, onde começamos a ter a noção de distinção entre homens e animais, atuando no nível básico de sobrevivência, e avançamos até o início de uma perspectiva de consciência integral que começa a surgir nos anos 80 e traz consigo novos conceitos aplicáveis às organizações humanas:

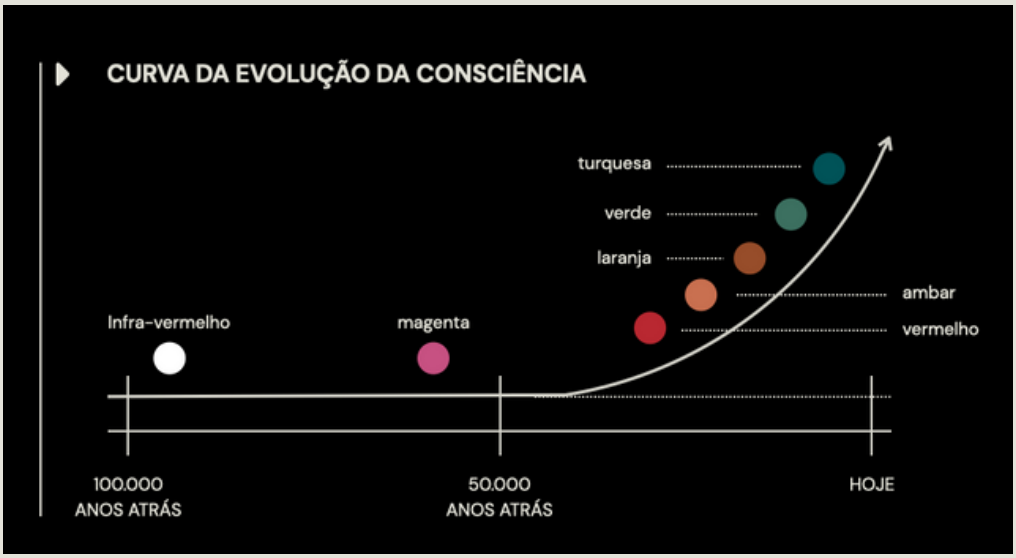
. hierarquias de sistemas e de formas naturais
. flexibilidade, espontaneidade e funcionalidade
. pluralismo, inclusão e integração
. integração de paradoxos e ambiguidades
. visão integrada das florestas, das árvores e das folhas
. sistema holístico universal (kosmocêntrico)
. a união do sentimento e do conhecimento
. múltiplos níveis se entrelaçando num sistema consciente
. surgimento de uma nova espiritualidade
. a integração de todos os níveis inferiores da consciência.

As patologias do modelo integral irão existir certamente, pois seguiremos o nosso processo de evolução. Porém ainda não foram constatadas pois o modelo ainda não está em prática de forma abrangente.

NÍVEIS DE EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Frédéric Laloux, em seu livro Reinventando as Organizações, faz o paralelo entre a teoria integral e a evolução das organizações, apontando exemplos de organizações que atuam com base em cada um desses níveis de consciência. E ele enfatiza a importância de prestarmos muito mais atenção à velocidade com que a consciência evoluiu nos últimos anos.

"Enquanto muitas pessoas estão se concentrando nas curvas exponenciais das conquistas materiais e tecnológicas, a mais significativa de todas é a curva da consciência."



Essa curva foi desenhada por Frederic Laloux e ele aplica esse conhecimento ao ambiente das organizações.

QUEBRA DE PARADIGMA

"*Enquanto o progresso contínuo caracteriza longos períodos de "ciência normal", esses períodos são interrompidos por períodos de "ciência revolucionária", em que não apenas uma teoria científica, mas também todo um arcabouço conceitual em que está inserida, sofre uma mudança radical*".
THOMAS KUHN - 1962

Para descrever esse arcabouço de conceitos chave que emerge da base do processo de evolução da consciência humana, Thomas Kuhn introduziu o conceito de **paradigma**.

Paradigma é um modelo ou padrão a seguir. Quebrar de paradigma significa, portanto, mudar uma crença disseminada, contrariar o senso comum, causar rupturas revolucionárias no sistema vigente.

"Estamos vivenciando uma ampla mudança de paradigma, de uma visão de mundo mecanicista para uma visão de mundo holística e ecológica. O mundo deixa de ser visto como uma máquina, para poder ser entendido como uma rede."
FRITJOF CAPRA

Nova Economia: desafios de um modelo em desenvolvimento

Transição nos Negócios

NEGÓCIOS

Embora os processos de evolução sejam fruto do movimento de um grupo de pessoas que impulsionam a transformação coletiva, existem alguns líderes emblemáticos que avançam antes da maioria e puxam a transição...

NEGÓCIOS SOCIAIS

Mohamed Yunus é um desses líderes, que ajudou a criar um novo entendimento sobre o papel dos negócios. Yunus foi Prêmio Nobel da Paz em 2006, é economista, banqueiro, e empresário de Bangladesh.
Preocupado em dedicar-se a atividades para o desenvolvimento socioeconômico de Bangladesh, ele foi um dos primeiros empreendedores a entender o negócio como uma ferramenta para transformar a situação social e econômica de uma população extremamente desfavorecida. O Grameen Bank, fundado em 1976, é o primeiro banco do mundo especializado em microcrédito e foi concebido por Yunus, visando a erradicar a pobreza no mundo. Iniciou oferecendo crédito a taxas muito baixas para mulheres de baixa renda. Mulheres que tinham grande dificuldade de conseguir crédito para desenvolver seus negócios locais. Hoje conta com 2185 agências e, desde sua fundação, emprestou o equivalente a 5,72 bilhões de dólares para 6,61 milhões de mutuários, 97% dos quais são mulheres. Atende a 71.371 vilarejos e possui um quadro de 18.795 funcionários remunerados.

Mohamed Yunus também foi o responsável pela criação da Grameen - Danone, empresa focada em produzir iogurtes altamente nutritivos a preços acessíveis, para resolver um dos maiores problemas da população de Bangladesh, que é a desnutrição infantil. A ideia central foi criar um negócio, um produto, vendido no mercado a preços muito acessíveis, que resolve um problema e 100% do lucro é reinvestido na finalidade SOCIAL. Daí a definição de **negócio social**. Sua definição pura surge dessa lógica criada por Yunus: reinvestir 100% do lucro no propósito ou causa. Não há distribuição aos acionistas.

Desde os anos 80, muitas organizações foram criadas para apoiar e potencializar a atuação de empreendedores sociais no mundo. A própria Yunus Social Business ou Yunus Negócios Sociais no Brasil tem essa finalidade. A Ashoka Empreendedores Sociais é outra organização internacional sem fins lucrativos, com foco em empreendedorismo social. A ANDE - Aspen Network of Development Entrepreneurs é uma rede global de organizações que impulsionam o empreendedorismo em economias em desenvolvimento. A Artemísia, a 1ª incubadora de negócios sociais do Brasil.

NEGÓCIOS DE IMPACTO

Nessa mesma época, começaram a surgir os primeiros **negócios de impacto**... Uma definição que só ganha força.

Os negócios de impacto podem assumir diferentes formatos jurídicos: associações, fundações, cooperativas ou empresas. Existem quatro princípios que os diferenciam independentemente da constituição legal da organização.

Eles têm o propósito explícito de gerar um impacto socioambiental positivo em sua missão. Eles conhecem, medem e avaliam periodicamente seu impacto. Têm uma lógica econômica que lhes permite gerar receitas próprias. Possuem uma governança que leva a considerar os interesses dos investidores, clientes e comunidade.

O QUE CARACTERIZA UM NEGÓCIO DE IMPACTO:

1 INTENCIONALIDADE DE RESOLUÇÃO DE UM PROBLEMA SOCIAL E/OU AMBIENTAL

O negócio de impacto expressa de maneira clara a sua intencionalidade (missão/propósito) de resolver (ao menos em parte) um problema social e/ou ambiental.

Uma prática comum é embasarem sua tese de impacto em um dos 17 ODS definidos pela ONU (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para 2030).

2 SOLUÇÃO DE IMPACTO É A ATIVIDADE PRINCIPAL DO NEGÓCIO

A geração de impacto socioambiental e a sustentabilidade financeira devem estar presentes na atividade principal da organização. Ou seja, a atividade principal, que gera receita, deve ser a mesma que gera impacto. Não é uma ação pontual de responsabilidade social e/ou ambiental.

3 BUSCA DE RETORNO FINANCEIRO, OPERANDO PELA LÓGICA DE MERCADO

O negócio opera por meio da lógica de mercado buscando retorno financeiro, ou seja, gera receita própria por meio da venda de produtos e/ou serviços, independentemente do seu formato jurídico. Não depende de subsídios, ainda que possa recebê-los em diferentes etapas de sua jornada como ajudas pontuais. Assim, como outras startups, os negócios de impacto podem acessar recursos subsidiados ou não reembolsáveis no início de sua trajetória (como linhas de fomento à

"Negócios de impacto são empreendimentos que têm a intenção clara de endereçar um problema socioambiental por meio de sua atividade principal (seja seu produto/serviço e/ou sua forma de operação). Atuam de acordo com a lógica de mercado, com um modelo de negócio que busca retornos financeiros, e se comprometem a medir o impacto que geram".
Fonte: O que são Negócios de Impacto – Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto.

inovação), bem como pode acessar investimento com foco em retorno financeiro.

4 COMPROMISSO COM MONITORAMENTO DO IMPACTO GERADO

O negócio tem compromisso com o monitoramento do impacto socioambiental que gera na sociedade. Ou seja, já que o impacto gerado é tão importante quanto a geração de lucro, os empreendedores devem se preocupar igualmente em entender se estão atingindo seu objetivo, mensurando seu impacto.

FONTE: quintessa.org.br

A Quintessa é uma das principais organizações no Brasil a acelerar e potencializar negócios de impacto.

B CORPS OU EMPRESAS B

O movimento das B Corps é um dos mais importantes de nossa história, construído com base no simples fato de que os negócios impactam e atendem mais do que apenas aos acionistas.

O B Lab é uma organização em rede, sem fins lucrativos, que tem a missão de transformar a economia global para beneficiar todas as pessoas, comunidades e o planeta. O B LAB começou em 2006 com a ideia de que os negócios poderiam liderar o caminho para um novo modelo orientado para as partes interessadas. O B Lab ficou conhecido por certificar as Empresas B, que são empresas que atendem a altos padrões de desempenho socioambiental, responsabilidade e transparência.

A Certificação B é holística, não focada exclusivamente em uma única questão social ou ambiental, mas sim em diversas áreas do negócio, inclusive no seu modelo. O processo para obter e manter a certificação é rigoroso e requer o envolvimento de equipes e departamentos em toda a empresa. Levando em consideração o tamanho e o perfil da empresa, a verificação envolve a documentação do modelo de negócios e informações sobre operações, estrutura e diversos processos de trabalho, bem como a análise de possíveis reclamações públicas e possíveis visitas ao local. A recertificação a cada 2 anos confirma que esses padrões sigam atendidos continuamente.

Hoje (2022) existem no mundo mais de 5000 empresas B certificadas, em 84 países e 186 indústrias unificadas pelo objetivo de transformar os negócios em uma força para o bem. No Brasil, o Sistema B, organização que promove o Movimento das Empresas B na América Latina surgiu em 2013. São mais de 230 empresas certificadas, entre elas a Natura, a primeira empresa de capital aberto a certificar-se B no mundo.

https://youtu.be/kiKYd6awVLQ

https://www.bcorporation.net/

https://www.sistemabbrasil.org/

ESG

A governança ambiental, social e corporativa (ESG) é uma abordagem para avaliar até que ponto uma corporação trabalha com metas que vão além do papel de uma corporação para maximizar os lucros em nome dos acionistas da corporação. Uma variedade de organizações governamentais e instituições financeiras desenvolveram maneiras de medir até que ponto uma corporação específica está alinhada com as metas ESG. O mundo do Venture Capital rendeu-se à sigla ESG e buscou encontrar formas de mensurar as práticas de negócios nesse sentido. Talvez este seja um dos maiores desafios organizacionais da atualidade: encontrar padrões de comparação entre as empresas e entre expectativa versus realidade. Muitos esforços estão sendo direcionados nesse sentido.

Você terá acesso a um conteúdo completo e super elaborado sobre ESG nos cursos ESG na Teoria e ESG na Prática, da Ateha Escola do Clima. Agarre a oportunidade de entender em profundidade e com propriedade sobre essa sigla que está transformando o mundo dos negócios e dos investimentos.

Regeneração

O QUE A NATUREZA TEM A NOS ENSINAR SOBRE EMPREENDER A FAVOR DA VIDA?

A Nova Economia avança para modelos de negócios regenerativos. Todos os movimentos de evolução e quebra de paradigmas nos negócios, concordam que sustentar não é mais suficiente, precisamos regenerar.

"A REGENERAÇÃO vai além da resiliência e da sustentabilidade. Tudo o que é resiliente, restaurado, robusto ou sustentável resiste ou se recupera de choques e permanece o mesmo. Choques tornam um negócio regenerativo melhor. Ele se recupera e tem a capacidade de fazer mais e ser mais."
CAROL SANFORD

Em várias áreas da sociedade e em vários países do mundo, o Movimento Regenerativo cresce como uma resposta aos desafios complexos que vivemos hoje, resultado de um longo processo degenerativo pela ação do homem no planeta.

São muitas as iniciativas, organizações e empresas que encontraram na regeneração, ou na ação de regenerar, um caminho para expressar o seu propósito e para agir em prol do bem comum, criando relações e estruturas que potencializam os sistemas de suporte à vida na Terra.

Mas, apesar do campo da regeneração já existir em muitos formatos, desde várias origens, e espalhado por todo mundo, para criarmos efetivamente uma Cultura Regenerativa, ele ainda carece de organização e codificação, sem cair na armadilha da apropriação. As culturas regenerativas são enraizadas na cooperação, e a natureza e os ecossistemas maduros tem muito a nos ensinar sobre criar essas relações.

Ainda há muitas perguntas e poucas respostas. Porém acreditamos que a criação de uma rede distribuída e interconectada de regeneradores liberta e fortalece o fluxo entre os atores dessa transformação. Assim, se você se conecta com essa narrativa, chegou a hora de iniciar o seu processo regenerativo individual e abrir o seu campo de realização em prol da regeneração da vida.

Todo esse cenário nos leva a inúmeras oportunidades para ativar a regeneração. A restauração de áreas degradadas ou desmatadas é uma delas.

Dentre muitas práticas da nossa economia, baseada na produção - consumo, o desmatamento está relacionado à ocupação humana desde as primeiras formas de agrupamentos sedentários. Porém nos últimos 150

anos o seu impacto aumentou gradativamente. Hoje, 70% da Floresta primária global foi destruída. Com ela muitas espécies foram completamente extintas.

Existe uma urgência em preservar o que ainda resta das florestas originais, pois nelas encontramos os DNAs raíz. Também é necessário catalizar e potencializar a regeneração dos ecossistemas que foram degradados, dar vida às florestas secundárias, o que possibilitará que homem e natureza vivam em integridade e confiança.

Não estamos falando aqui sobre salvar a Natureza, mas, sim, em garantir a perpetuação da nossa espécie, pois não existe separação. Somos todos um. Individualmente e coletivamente constituímos esse incrível macro-organismo chamado TERRA. É um dever de todos os seres que aqui habitam garantir os processos de VIDA.

Biomas degradados ou ameaçados, impactados por uso intensivo, terras improdutivas, regiões desertificadas, flora e fauna em processo de sub-extinção. Todos esses são exemplos de situações em extrema necessidade de regeneração. E já existem soluções (de negócios!) para lidar com elas.

Nova Economia: desafios de um modelo em desenvolvimento

Negócios Regenerativos

REGENESIS

Buscamos na lógica dos sistemas vivos, caminhos para promover resiliência e eficiência na criação e operação de modelos de negócios regenerativos. São diversas as analogias que podemos fazer para ilustrar como uma empresa é também um sistema vivo, que pode ser administrado com base nestes princípios, gerando abundância e mais vida para o Planeta. Junto com isso, ela também pode desenvolver um Modelo de Negócio Regenerativo, que no balanço adiciona mais do que extrai do Ecossistema Planetário.

Analisando de perto as interações entre as práticas do negócio, seus stakeholders (ou públicos de interesse) e o ecossistema no qual está inserido, é possível planejar e atuar de forma estratégica como uma empresa regeneradora de vida. A partir dessa nova perspectiva, diversas práticas podem ser criadas e aplicadas ao dia a dia como ferramentas de gestão empresarial, impactando diretamente a tomada de decisões.

Mas para isso, é necessário fazer-se essa pergunta: Como a regeneração se expressa numa empresa regeneradora de vida?

Uma das respostas para essa pergunta, que orienta a nossa linha de estudo é: o grande objetivo do que ela faz é voltar a enriquecer os sistemas que a natureza da qual ela faz parte produz como vida.

A regeneração requer que o sistema vivo se reconecte ao núcleo de sua vida - o que é na essência. E isso também se aplica às organizações que são sistemas vivos por direito próprio.

A visão da empresa como sistema vivo permite entendermos a empresa como um sistema fortemente interdependente do contexto, uma comunidade de comunidades, que não pode existir de forma autônoma. Ela vai gerar valor quando desenvolver plenamente a sua função sócio-econômica.

> *"O objetivo é criar negócios que apoiem soluções ganha-ganha, saúde sistêmica e redes colaborativas que sirvam às pessoas e ao planeta."*
> *Daniel Christian Wahl, autor de "Design de Culturas Regenerativas"*

Em 2018 realizamos um mapeamento de negócios e organizações do Brasil, Uruguai e Argentina, que têm um impulso regenerativo. Foi uma pesquisa muito interessante e percebemos que muitos deles ainda estavam tentando encontrar a melhor forma de apresentar os processos regenerativos que estão desenvolvendo, seja através da restauração de florestas degradadas, trabalhando com comunidades resilientes, ou outros objetivos específicos. Encontramos uma série de oportunidades e campos de ação que podem promover a regeneração.

A partir desse mapeamento identificamos algumas áreas de oportunidades para ações voltadas para a regeneração. Modelos de Negócios Regenerativos que podem resolver problemáticas específicas e desafiadoras. São elas:

1. **Restauração de áreas desmatadas e/ou degradadas:**

- Biomas desmatados ou ameaçados
- impactado pelo uso intensivo;
- Terras degradadas e estéreis (áreas);
- Regiões com desertificação;
- Fauna e flora impactadas (em estado de subextinção).

2. Produtos nativos selvagens.

3. Renovação de cadeias produtivas

- Cadeias de valor ineficientes;
- Cadeias de valor desatualizadas;
- Cadeias de valor inexistentes;
- Cadeias de valor desiguais.

4. Inovação de modelos produtivos

- Desenvolvimento de tecnologias agrícolas regenerativas;
- Inovação das práticas de produção;
- Técnicas e assistência técnica na produção;
- Design;
- Distribuição;
- Biotecnologia.

5. Reorganização de comunidades produtivas:

- Valorização da identidade cultural;
- Inclusão de saberes ancestrais;
- Capacitação dos produtores;
- Equidade em todas as partes da cadeia;
- Gestão de fluxos e processos na cadeia;
- Instalação de arranjos produtivos.

Desde então nos aprofundamos na tentativa de identificar os princípios mais relevantes, que conectam essas iniciativas de alguma maneira. Chegamos a princípios fundamentais para a criação e estruturação de um negócio regenerativo. A esse compilado demos o nome de **Ecologia Estratégica.**

Um grande aprendizado: precisamos mergulhar no contexto ecológico para agir de forma regenerativa. Compreender como a natureza sustenta a vida é o primeiro desafio que temos nesse sentido. Como os sistemas evoluíram para suportar a teia da vida. Nas próximas décadas, nossa sobrevivência dependerá de nossa capacidade de compreender os princípios básicos da ecologia. E foi observando os processos da natureza que chegamos a esse modelo.

ecologia estratégica

' O tipo de esperança sobre a qual muitas vezes penso... Eu a compreendo, acima de tudo, como um estado de espírito, e não como um estado de mundo. Ou temos esperança dentro de nós ou não temos; é uma dimensão de alma, e não depende essencialmente de alguma observação particular de mundo, ou de alguma estimativa da situação... [Esperança] não é a convicção de que alguma coisa vai dar certo, mas a certeza de que alguma coisa faz sentido, independente do que virá a acontecer com ela."
Václav Havel, dramaturgo e estadista tcheco.

Consciência, Propósito, Do Local ao Global, Fronteiras da Escala, Diversidade, Colaboração, Interser e Abundância são os 8 princípios básicos de um negócio regenerativo. Na trilha de conhecimento "negócios regenerativos" da Ateha Escola do Clima você poderá conhecer em profundidade cada um deles e também os caminhos práticos de sua aplicação nas empresas.

O caminho de evolução para a construção de uma Nova Economia está dado. Da concentração de renda e poder à equidade, da extração à regeneração e do individualismo à interdependência.

Ainda temos muitos desafios para entender quais serão as novas maneiras de nos relacionarmos com um mundo em transição, com um novo estágio de evolução da humanidade, com novas estruturas e valores. Mas o fato de você estar aqui significa que você já faz parte disso tudo. Está na linha de frente. **Coragem**.

ateha

Este curso faz parte da *Trilha de Conhecimento ESG* da Ateha.

obrigad_

Você tem dúvidas, sugestões ou quer conversar com a gente?
Nos escreva em: *alo@ateha.life*

O conteúdo desse documento e qualquer anexo são de uso exclusivo da Ateha e podem conter informações privilegiadas e de propriedade legal. O uso não autorizado, distribuído ou duplicado é estritamente proibido.